



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)  
*Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*  
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)  
ISBN 978-989-95500-1-8

---

## A Mala-Posta Inglesa e o Autocarro da Selecção

EDUARDO CINTRA TORRES

*Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Lisboa ~ ect@netcabo.pt*



### Resumo:

A comunicação compara dois textos separados entre si 155 anos: o ensaio literário *The English Mail-Coach*, de Thomas De Quincey (1849), recordando a difusão pelas diligências do correio inglês das notícias das vitórias militares contra a França na Guerra Peninsular e Waterloo, e a transmissão televisiva em directo da viagem da Selecção Nacional de Futebol a bordo de um autocarro entre Alcochete e o Estádio da Luz, em Lisboa (RTP1, 04.07.2004). Aproxima os dois textos a singularidade da deslocação de um veículo simbolizando a grandeza da nação através de uma multidão que, também ela, representa a mesma nação na sua apresentação mediática. Ambos os textos se servem de um símbolo totémico efémero (a mala-posta/o autocarro) e de um símbolo colectivo também efémero (a multidão) para representar a fusão ao mesmo tempo temporal e atemporal entre o colectivo e uma ideia de pátria. A celebração do evento multitudinário serve em simultâneo para celebrar o próprio media (ensaio/directo televisivo). Obra de um escritor ou obra audiovisual colectiva circunstancial, os dois textos apresentam semelhanças narrativas e retóricas que permitem confirmar a solidez da multidão enquanto referente e símbolo patriótico nos últimos dois séculos. Esta comunicação inscreve-se nos Estudos Televisivos e na Sociologia e propõe uma metodologia de análise textual que cruza a proposta fundamental da Literatura Comparada – o confronto de textos não relacionados de diferentes literaturas – com a análise sociológica das multidões. Como objectivos, esta comunicação pretende testar a validade para os Estudos Televisivos da metodologia proposta e enriquecer os estudos históricos e sociológicos da multidão com uma abordagem das representações audiovisuais contemporâneas deste tipo de colectivo social.

### Palavras-chave:

Multidão, literatura, televisão, sociologia, nação.

---

A comunicação compara dois textos separados entre si 155 anos: o ensaio literário *The English Mail-Coach*, de Thomas De Quincey (1849), recordando a difusão pelas diligências do correio inglês das notícias das vitórias militares contra a França na Guerra Peninsular e Waterloo, e a transmissão televisiva em directo da viagem da Selecção Nacional de Futebol a bordo de um autocarro entre Alcochete e o Estádio da Luz, em Lisboa (RTP1, 04.07.2004). Aproxima os dois textos a singularidade da deslocação de um veículo simbolizando a grandeza da nação através de uma multidão que, também ela, representa a mesma nação na sua apresentação mediática. Ambos os textos se servem de um símbolo totémico efémero (a mala-posta/o autocarro) e de um símbolo colectivo também efémero (a multidão) para representar a fusão ao mesmo tempo temporal e

atemporal entre o colectivo e uma ideia de pátria. A celebração do evento multitudinário serve em simultâneo para celebrar o próprio media (ensaio/directo televisivo). Obra de um escritor ou obra audiovisual colectiva circunstancial, os dois textos apresentam semelhanças narrativas e retóricas que permitem confirmar a solidez da multidão enquanto referente e símbolo patriótico nos últimos dois séculos. Esta comunicação inscreve-se nos Estudos Televisivos e na Sociologia e propõe uma metodologia de análise textual que cruza a proposta fundamental da Literatura Comparada – o confronto de textos não relacionados de diferentes literaturas – com a análise sociológica das multidões. Como objectivos, esta comunicação pretende testar a validade para os Estudos Televisivos da metodologia proposta e enriquecer os estudos históricos e sociológicos da multidão com uma abordagem das representações audiovisuais contemporâneas deste tipo de colectivo social.

Na tarde de 4 de Julho de 2007, o canal generalista português RTP1 transmitiu em directo a viagem de cerca de 30 quilómetros da Selecção Nacional de Portugal entre a Academia do Sporting Club de Portugal, em Alcochete, e o Estádio da Luz, em Lisboa, onde deveria enfrentar a Selecção Nacional da Grécia no jogo final do campeonato europeu de futebol, Euro 2004.<sup>1</sup> Os jogadores, seleccionador e técnicos da Selecção Nacional portuguesa viajaram dentro de um autocarro identificado com dizeres exteriores, como tatuagens. Os repórteres não trocaram uma única palavra com os jogadores. O único contacto foi visual. Foram utilizados diversos meios de acompanhar televisivamente a viagem: câmaras em helicópteros, veículos (carros, motorizadas) e apeadas, com o discurso jornalístico e de comentário sobreposto ou coincidente com as imagens. A parte da emissão de acompanhamento da viagem do autocarro durou cerca de uma hora numa parte da emissão iniciada às 16h00 num subtotal de 169 minutos, mas o fluxo televisivo dedicado à final estendeu-se por 14 horas, quase sem interrupções desde as 11h00 até às 01h14 do dia seguinte. Como já sucedera em dias anteriores de jogos da selecção portuguesa, o percurso do autocarro foi acompanhado por adeptos dispostos ao longo das estradas, e alguns também em veículos motorizados ou mesmo meios aéreos e aquáticos. Milhares de adeptos vitoriam a selecção que viajava no autocarro, muitos deles com formas particulares de apoio (cachecóis, bandeiras, bandeirolas, etc.).

Nas suas referências ao carácter nacional da cena, a emissão televisiva adquire uma dimensão ideológica e política. Neste trabalho, interessa-nos analisar, pela perspectiva dos Estudos Televisivos e da Sociologia, as formas de apresentação e de representação da multidão como multidão nacional. Para isso, analisámos a emissão da RTP1 através da realização (sequência de planos, pontos de vista) e da linguagem sobreposta às imagens por parte do jornalista apresentador (Carlos Daniel), bem como dos outros locutores da emissão (repórteres no exterior, comentadores em estúdio, adeptos ouvidos). A análise discursiva toma em conta a narrativa, a sintaxe e a semântica. A análise sociológica centra-se na inclusão da emissão no tipo de manifestações de multidão, especificamente da multidão de carácter nacional.

Esta emissão remeteu-nos para um texto com semelhanças a vários níveis, quer narrativas, sintácticas e semânticas, quer de carácter sociológico: *The English Mail-Coach*, a última grande obra do crítico e ensaísta inglês Thomas de Quincey (1785-1859). O risco da comparação de dois textos separados entre si pelo meio criativo e por mais de século e meio leva-nos a começar pela descrição e análise deste ensaio hoje pouco conhecido fora dos meios literários de língua inglesa, partindo-se depois para uma análise comparada do ensaio com o texto televisivo.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Arquivo RTP, cassete VHS BA1139Y (relativa a 4h da emissão da RTP1 em 04.07.2004).

<sup>2</sup> Todas as citações de *The English Mail-Coach* foram traduzidas pelo autor. A localização das inúmeras citações faz-se apenas pela indicação da página.

## A transformação da mala-posta inglesa em totem da nação

Este ensaio de 1849 tem uma versão final formada por três secções: «A glória do movimento», «A visão da morte súbita» e «Sonho-Fuga».<sup>3</sup> De Quincey faz o elogio da mala-posta em contraponto ao comboio. Na arguta análise de Plotz (2000), De Quincey estabelece a validade do processo comunicativo directo, emotivo e presencial, de um centro com uma audiência (no caso uma multidão) em contraponto com o processo comunicativo disperso da imprensa, racional, sem simultaneidade. Na sociologia esta oposição binária corresponde à comunicação *broadcast* para uma audiência em contraponto à comunicação para um público do tipo *habermasiano* (Habermas, 1999). O elogio da mala-posta ocorre quando o caminho-de-ferro se impusera já como meio de transporte preferencial na ligação da capital com o resto do país, o que motiva a evocação em tons nostálgicos de um passado que o autor situa na sua juventude. Mala-posta e comboio servem assim como metáforas, identidades alternativas de conceitos de paradigmas de comunicação e de afirmação nacional. A transmissão de notícias pelo método mala-posta (chamemos-lhe assim) alcança uma vibração e uma ligação da nação que o método comboio não atinge. Para De Quincey, a forma colectiva de recepção das notícias transmitidas pelos dois métodos são multidões, mas de carácter diferente: no caso da mala-posta, é a multidão unida pela e em torno da notícia transmitida, autoconsciente da sua existência, do seu carácter «infinito» do que hoje chamaríamos «comunidade imaginada» (Anderson: 1991); no caso do comboio, estamos perante uma multidão dispersa como a das estações de caminhos-de-ferro, multidão que mesmo quando «ligada» a um comboio estaria dispersa, pois os comboios da época seriam formados por uma espécie de inúmeras diligências ligadas entre si. Este tipo de multidão dispersa, presente, observável, mas sem objectivo, já fora descrita por De Quincey no seu célebre ensaio *Confessions of an Opium-Eater*, de 1822 quando o narrador vagueia pelas ruas de Londres, a maior metrópole da época, e tinha sido o tema do conto *O Homem da Multidão*, de Edgar Poe, de 1840. Esta oposição entre os dois paradigmas de comunicação e respectivas recepções colectivas tem o seu contraponto na actualidade: por um lado, os mass media audiovisuais, como a rádio e a televisão, e as suas audiências simultâneas funcionando com imaginadas multidões à distância; por outro lado, a imprensa escrita, com os seus públicos racionais, pensantes, sem contacto que não o simbólico (pelas ideias transmitidas por palavras escritas).

Do ensaio, interessa-nos em especial a primeira secção, dividida em duas partes, uma primeira com o mesmo título da secção e a segunda intitulada «Avançando com a vitória» (para uma análise global do ensaio, v. Plotz, 2000). A passagem de mais de 30 anos sobre os acontecimentos relatados permite a De Quincey confundir factos com «as anarquias dos [s]eus sonhos subsequentes» (1). Além da velocidade hiperbolizada (máximo de 13 milhas horárias) e «da glória do movimento», De Quincey encontra mais razões para elogiar a mala-posta, havendo uma que nos interessa em especial: através dela verificava-se «a presença consciente de um intelecto central que, pelo meio de vastas distâncias (...) ultrapassasse todos os obstáculos numa firme cooperação para um resultado nacional.» (1) O serviço postal, defendia De Quincey, criava uma primeira *rede* comunicacional efectiva comparável a uma orquestra com um líder supremo ou a um organismo vivo:

<sup>3</sup> «Em Outubro de 1849 apareceu na Blackwood's Magazine um artigo intitulado 'The English Mail-Coach, or the Glory of Motion'. Não tinha qualquer aviso de que haveria continuação, mas em Dezembro de 1849 saiu na mesma revista um artigo em duas secções, encabeçado por um parágrafo explicando que era do mesmo autor do artigo anterior da edição de Outubro, e que devia ser considerado em conjunto com aquele. Uma das secções deste segundo artigo chamava-se 'The Vision of Sudden Death' e a outra 'Dream-Fugue on the above theme of Sudden Death'. Quando De Quincey reviu os seus papéis em 1854 para republicação no volume IV da Collective Edition dos seus escritos, juntou o conjunto sob o título geral de *The English Mail-Coach*, dividindo o texto, como actualmente, em três secções ou capítulos, o primeiro com o subtítulo 'A glória do Movimento', o segundo com o subtítulo 'A Visão da Morte Súbita', e o terceiro com o subtítulo 'Sonho-Fuga, baseado no tema precedente da Morte Súbita'. Houve grande empenho na revisão.» (De Quincey, Works, Masson's ed., Vol. XIII; Riverside ed., Vol. I, apud <http://dequincey.classicauthors.net/EnglishMailCoachJoanArc/EnglishMailCoachJoanArc11.html>, visto em 2007-05-04).

«falava como se por uma poderosa orquestra, em que mil instrumentos, todos se ignorando uns aos outros, e nisso em perigo de discórdia, e todavia todos obedientes como escravos de uma batuta suprema de algum grande líder terminando numa perfeição de harmonia como a de coração, cérebro e pulmões numa saudável organização animal.» (1-2) O «sistema da mala-posta», concluía, cumpria naquela época «uma incrível missão *política*» (é De Quincey quem enfatiza): «era a mala-posta que distribuía sobre a face da terra, como abrindo arcas apocalípticas, as notícias de arrasar corações de Trafalgar, de Salamanca, de Vitória, de Waterloo.» (2)

Estabelecida a importância política do *media* mala-posta na transmissão de notícias, De Quincey valoriza o próprio mensageiro: «A mala-posta, o órgão nacional para a divulgação destes poderosos eventos assim difusamente influentes, tornou-se ela mesma um objecto espiritualizado e glorificado para um coração empolgado» (2). Isto é, a diligência postal torna-se um símbolo de algo superior a si mesma: as notícias das vitórias militares da Inglaterra sobre a França, um símbolo da própria nação. De Quincey faz, assim, uma defesa política do papel do *media* mala-posta na difusão emotiva das notícias de Estado, de assumido interesse nacional, a partir do *centro* (o poder, a capital) para a *periferia*, se usarmos os conceitos de Edward Shils (1992: 53-71).

O passo seguinte da construção literária de De Quincey é a de colocar-se como narrador, e ao seu leitor, na diligência do correio. Para chegar aos melhores lugares (não os do interior mas na cobertura da mala-posta), De Quincey mostra desprezo pelo que chama, entre aspas, «o público», que corresponderia a quem não se misturava com os outros, tendo «habitualmente entre trinta e cinquenta anos» e definido como «uma bem conhecida personagem, particularmente desagradável, embora levemente respeitável, e com a reputação de garantir para si os principais lugares nas sinagogas» (6). Os lugares exteriores da diligência, que de Quincey defende com ampla argumentação, permitem-lhe uma focalização literária que diríamos panóptica – hoje corresponderia à vista de um helicóptero. Quer dizer: dentro da diligência, o «público» não vê o evento como ele é nesta concepção política e social; no seu topo, não só vê como que participa do evento e da multidão, sem distância emocional e com partilha. De Quincey chega mesmo a defender este «lugar» narrativo através de um episódio em que um imperador chinês, desconhecendo as diligências, não saberia onde se sentar na que lhe oferece o embaixador inglês, tendo optado pelo lugar do cocheiro, considerado o melhor para a sua dignidade imperial (5-6). Portanto, quem vê o evento e a multidão está no lugar do imperador. Munido deste ponto de vista, De Quincey volta à defesa da importância operacional e política da mala-posta, agora reunida ao sublime: «não há dignidade perfeita que em certo ponto não se alie ao misterioso. A ligação do correio com o Estado e o governo executivo – uma conexão óbvia mas todavia não estritamente definida – dava a todo o empreendimento postal uma grandeza oficial que nos prestava serviço nas estradas e nos investia com terrores sazonais» (8), resultantes de acidentes e outros eventos negativos: a construção da nação, a ligação do centro à periferia não se faria sem perigos nem tragédias pessoais, sacrifícios que são desenvolvidos nas outras duas secções do ensaio. De Quincey defendia a primazia da difusão das notícias de interesse nacional sobre os interesses particulares e até da igreja: «O quê? Será do benefício do clero atrasar a mensagem do rei na longa estrada? – interromper as grandes respirações, baixa-mar e maré alta, *sístole* e *diástole*, da interacção nacional? – para colocar em perigo a segurança das notícias, movendo-se dia e noite entre todas as nações e línguas?» (9) Contra essa «insolência», «nós, o correio colectivo», continua De Quincey, defendíamos «a precedência imperial» (9-10).

Antes das memoráveis páginas do percurso da mala-posta com as notícias das vitórias militares, De Quincey tem ainda de desmontar as vantagens do comboio de 1849. Desde logo, estabelece que a velocidade do comboio é efectivamente superior como «facto» mas não como «consciência», dependendo da «experiência pessoal», quer dizer, é relativa ao ponto de vista, assim valorizando a sua focalização a partir do topo da diligência: aí, diz, «nós ouvíamos a nossa

velocidade, nós víamo-la, nós sentíamo-la como uma palpação». A experiência sensorial transmite-se à vivência emocional e às notícias: o movimento febril do cavalo, a «glória de Salamanca», o «coração do homem» e os seus «gritos contagiosos» unem-se numa só realidade (literária) (12).<sup>4</sup> Nada disso acontece com o comboio, no qual a maquinaria substituiu o «coração do homem»: «Nem o Nilo nem Trafalgar têm o poder de levantar uma bolha extra na locomotiva a vapor», «não há plebes agitando-se nem solidões assustando à meia-noite». De Quincey lamenta que as «notícias adequadas a convulsionar todas as nações tenham agora de viajar pelo processo culinário» do vapor sem a possibilidade de «agitar corações» (12). Para De Quincey, o caso é sério. Ele fala de processos de formação de espaço público para ele antagónicos:

*Assim desapareceram aberturas multiformes para expressões públicas de interesse, cénicas porém naturais, em grandes notícias nacionais, pois as revelações de faces e grupos não poderiam oferecer-se entre as turbas flutuantes de uma estação de comboios. A reunião de contempladores por causa duma mala-posta laureada tinha um centro e reconhecia um só interesse. Mas as multidões numa estação de caminho de ferro têm tão pouca unidade como a água a correr e possuem tantos centros quantas as carruagens separadas no comboio. (12-13)*

Em resumo: a mala-posta proporciona uma multidão com um centro e um único motivo de atenção; ela corresponde à ligação do centro com a periferia através dum meio de informação de massas, multitudinário, reunindo audiências, emotivo e, pode dizer-se, sem contraditório; o comboio corresponde ao público racional. Para comprovar as vantagens do tipo de comunicação da mala-posta para uma comunidade nacional imaginada, De Quincey passa então à descrição das viagens vitoriosas da mala-posta, partindo de Londres para a periferia com as notícias de Trafalgar ou Waterloo. Como tentaremos mostrar, o media audiovisual televisão, transmitindo cerimónias nacionais em directo, permite o renascer do processo sócio-comunicacional cujo desaparecimento de Quincey lamentava em 1849.

### Leitura comparada

Prossigamos o ensaio sobre a mala-posta, mas a partir daqui acompanhando também o progresso da emissão do autocarro da Selecção Nacional. De Quincey sublinha que no período entre 1806 e 1817 se concentrou «uma longa sucessão de vitórias» cujas notícias «nós levávamos de Londres» (17). A sucessão ao mesmo tempo cria uma euforia que reforça os sentimentos nacionais e o hábito da celebração da vitória: o mesmo se poderá dizer da multidão que vitoriou o autocarro da Selecção antes da final com a Grécia, depois de várias vitórias da equipa portuguesa, nas eliminatórias até às meias-finais, e depois das correspondentes celebrações multitudinárias em inúmeras localidades. Os eventos celebrativos de multidão, ao projectarem-se para o futuro como memória colectiva do presente, ganham um valor extraordinário: Para De Quincey, estar num lugar exterior da mala-posta «num desses eventos» valia «cinco anos de vida» (18). Ele pede ao leitor para «imaginar» as diligências postais em parada prontas para partir da Lombard Street no centro de Londres com as notícias da vitória, em simultâneo, em todas as direcções (broadcasting, lançando a semente ao vento, poderíamos dizer). Duas vezes usa o autor a palavra «espectáculo» para nos preparar para a descrição que se segue (e na cena do autocarro afirma-se que a multidão na rua «é um espectáculo»). Tal como outros autores literários que descrevem cenas de multidão, De Quincey passa do uso do pretérito passado para o presente histórico ou narrativo de forma a «dar vivacidade» aos factos passados (Cunha e Cintra, 1984: 448): «Em qualquer noite o espectáculo era lindo»; «Mas

<sup>4</sup> De Quincey utiliza a imagem da força do cavalo em vários momentos do texto, provavelmente para reforçar a força física e emocional do evento de multidão. No caso da cena do autocarro, a presença de duas dezenas de campinos a cavalo à saída da Academia em Alcochete, acrescentou audiovisualmente a mesma vitalidade.

a noite que nos espera é uma noite de vitória» (18). O uso do presente coloca o leitor mais próximo, ou dentro, da cena descrita, correspondendo este processo literário ao directo televisivo, que, no caso, colocou o espectador do autocarro da Selecção dentro da cena mostrada e descrita, reforçou a identificação com o episódio. Escusado será referir que a condição de directo, ou seja, de presente, é fundamental na comunicação televisiva.

Da mesma forma que os jogadores dentro do autocarro formam uma equipa, os guardas e cocheiros envolvidos no serviço postal, com as suas fardas, evidenciam uma circunstância de igualdade e unidade que favorece a simbologia do evento. O mesmo sucede com as folhas de louro nas diligências e nos seus chapéus (e recordemos que o autocarro da Selecção também incluía mensagens escritas e simbólicas). Esses símbolos nas malas-postas fornecem uma «conexão pessoal às grandes notícias, nas quais eles já tinham o interesse geral do patriotismo. Esse grande sentimento nacional ultrapassa e suprime todo o sentimento de distinções habituais.» (18) De Quincey sabe que o público racional se dispersa por mil «carruagens» de pensamento, enquanto num evento de multidão unida em torno de um centro só há um tema, todos se sentem iguais, não se discute. A sua formulação deste conceito é de uma clareza admirável e prossegue directamente para a descrição da multidão que assiste e a qual, como convém às multidões, cresce sempre: «Um coração, um orgulho, uma glória ligam cada homem pelo laço transcendente do seu sangue nacional. Os espectadores, que são numerosos sem precedente, exprimem a sua adesão a estes fervorosos sentimentos com contínuos hurras.» (19)

Esta unidade total entre o media (mala-posta) e a multidão de carácter nacional foi patente ao longo da presença portuguesa no Euro 2004, quer devido às sucessivas vitórias da Selecção Nacional quer devido à evidente capacidade organizativa portuguesa do evento. A unidade povo-Seleção teve inúmeras expressões públicas, podendo exemplificar-se pela transformação da palavra de ordem chilena e portuguesa dos anos '70 «O povo unido jamais será vencido» em «Seleção unida jamais será vencida!», empunhado por uma rapariga à porta do estádio no dia da final. A Selecção, no lugar do povo neste slogan, representa essa completa simbiose simbólica, também presente na pancarta de um adepto nesse dia que dizia apenas «A força lusitana».

Voltemos à frase de De Quincey: a multidão cresce nas ruas. E no dia da final do Euro? Disse o apresentador Carlos Daniel antes que o autocarro saísse do seu ponto de origem, a Academia do Sporting em Alcochete: «Dava a ideia de que não podia aumentar a onda de apoio à Selecção, mas a verdade é que a cada jogo que passa aumenta, há cada vez mais gente nas ruas, há cada vez mais bandeiras, há cada vez mais um ambiente emocionante a anteceder o jogo»<sup>5</sup>. A ideia é repetida diversas vezes até se afirmar «hoje em definitivo quebraram-se todos os limites de apoio à Selecção», o que permite, igualar este momento de multidão, como De Quincey, ao sublime: «é qualquer coisa de grandioso, de bonito, de belo». Em ambos os casos «a relação estética com a multidão é mais próxima do sublime do que do belo porque a multidão assume qualidades de natureza impressionantemente poderosa» (Esteve, 2007:16).

E, se a multidão britânica, na criação literária de De Quincey, via na mala-posta a própria nação o mesmo sucedeu na interpretação que o repórter deu ao autocarro: «já temos o autocarro da Selecção prestes a sair de Alcochete, (...) vamos acompanhar a grande viagem de Portugal até ao Estádio da Luz.»

Encontramos no meio de transporte, marca identitária da sociedade industrial, uma actualização do emblema totémico. Tal como nas sociedades «primitivas», a mala-posta e o autocarro são totens temporários, «instrumentos litúrgicos» (Durkheim, 1912: 128), ligados ao totem nacional, como a bandeira ou o hino. O totem mala-posta ou autocarro da Selecção funciona como

<sup>5</sup> Fonte de todas as referências audiovisuais à emissão de 04.07.2004: Arquivo RTP, cassete BA1139Y.

«forma material sob a qual se representa à imaginação essa substância imaterial, essa energia, (...) que é, só ela, o verdadeiro objecto de culto» (idem, 148).

Os gritos na transmissão televisiva («já se ouvem ... uma primeira festa, uma primeira saudação... vozes ao alto») correspondem aos gritos, aos hurras, às palavras de ordem («Salamanca para sempre!», 19) que pontuam a descrição de De Quincey. Estamos em ambos os casos perante multidões de alegria, festivas, que não cabem em si e transbordam de entusiasmo: cada diligência das vitórias «inflama a cada instante novas sucessões de ardente alegria», provocando «um obscuro efeito de multiplicar a própria vitória ao multiplicar na imaginação até ao infinito os estádios da sua progressiva difusão.» (19) É, portanto, a comunidade imaginada no momento por todos os espectadores, conseguindo-se, pelo efeito multidão, o seu desdobramento até ao infinito, o que se potencia pela «glória do movimento» das diligências, que sugere o espalhamento por toda a nação. Se De Quincey se refere várias vezes à multiplicação da multidão e do seu efeito imaginado «numa tão vasta sucessão» (20), na transmissão televisiva, quando se anuncia a saída do autocarro de Alcochete, momento que corresponde à saída das diligências de Lombard Street, usa-se a repetição das palavras para acentuar o infinito: três vezes «há cada vez mais...», como vimos, ou ainda: a viagem que «Portugal inicia» até à Luz «acompanhada pela RTP e por milhares e milhares de portugueses».

Regressemos ao topo da diligência: daí o narrador de De Quincey tudo vê, mas também é visto: «somos vistos de todos os andares de todas as casas» e «revoadas de vivas de apoio voam ao nosso lado, por trás de nós e à nossa frente» (20): o narrador é amado (como a televisão). Ele dispõe de uma visão panóptica que na cena do autocarro é concretizada pelas «imagens fantásticas» captadas de helicóptero e que constituirão parte significativa da emissão: «nós, através do helicóptero da RTP tentamos levar isso mesmo a todos os nossos espectadores». Mostrar e ser visto: ao mesmo tempo, o narrador de De Quincey é visto e cumprimentado no topo da diligência e, em 2004, não só o helicóptero torna visível o operador, mas também, pela natureza do media, a emissão é vista pelos espectadores à distância, como que fechando-se o círculo próprio da multidão na arena: «estes são os portugueses que vão viver as emoções do jogo colados à RTP mas que para já quiseram também estar perto dos jogadores e não podendo vir ao estádio foram à estrada e foram fazer da estrada um primeiro estádio».

Agora que a mala-posta e o autocarro da Selecção se preparam para partir, vejamos uma diferença de trajecto que une, mais do que separa. A diligência postal parte do centro de Londres para as cidades periféricas; o autocarro, espécie de centro da nação em movimento, parte da periferia para o centro do mundo naquele dia, o estádio da Luz, na capital. Trata-se em ambos os casos de percursos de vitória e principalmente de afirmação da glória nacional, sendo por isso indiferente se o centro está no início ou no final do trajecto: na verdade o que é importante é que se estabeleça a ligação simbólica entre o centro e a periferia na presença da multidão efervescente. Hoje sabemos que o autocarro partia para uma derrota no campo de futebol, mas isso não fazia parte do presente naquela cena. Aliás, era fundamental que a comemoração da nação vitoriosa ocorresse antes do início do jogo: a multidão e os media não poderiam deixar para depois esta hipótese da celebração, talvez a última; digamos que a nação é demasiado importante para ser deixada ao alatório de um jogo de futebol – era fundamental comemorar antes que fosse tarde. Afirmava o apresentador no início da emissão: «Esperemos que [a grande emissão da noite de hoje] seja da festa portuguesa, mas motivos de festa não faltam, independentemente do resultado o Euro tem sido um grande sucesso português com afirmação internacional.» Tratava-se de um discurso partilhado com as pessoas na rua, se atentarmos à declaração de uns adeptos em Lisboa com uma taça na mão antes do jogo pois, disseram, «estamos a comemorar antecipadamente».

Ao deixar o centro de Londres, a mala-posta fica «libertada dos embaraços da cidade» e dá tempo ao narrador para regressar, agora no concreto, a uma característica fundamental das multidões e que é de particular importância para a politização de uma multidão nacional: a igualdade de todos no seu seio, homens e mulheres, novos e velhos, pobres e ricos. Em «cada andar de cada casa», escreve De Quincey, «cabeças de todas as idades enxameiam as janelas – jovens e velhos percebem a linguagem dos nossos símbolos vitoriosos». (20) Todos, ao longo do percurso, formam a multidão infinita: «Mulheres e crianças, seja das águas-furtadas como das caves, através da Londres infinita, olham amorosamente para baixo ou olham para cima para as nossas faixas alegres ou as nossas coroas de louro marciais; às vezes beijam as mãos, outras, em sinal de afeição, agitam lenços de mão, aventais, panos do pó, o quer que seja que, apanhando a brisa de verão, exprima um júbilo aéreo.» (20) No episódio do autocarro o discurso televisivo é semelhante:

*Começam a ser centenas, começam a ser milhares as pessoas de cada um dos lados da estrada, são também milhares as bandeiras, os cachecóis que estão nas mãos dos portugueses, estes são os portugueses que (...) quiseram também estar perto dos jogadores e não podendo vir ao estádio foram à estrada e foram fazer da estrada um primeiro estádio, uma primeira bancada de apoio aos nossos homens da Selecção Nacional, aos homens da nossa esperança (...).*

Todos são iguais no apoio. Para De Quincey, escrevendo numa época de reserva pública da mulher, era importante valorizar o seu lugar nas manifestações de apoio à nação vitoriando a mala-posta. Daí que introduza um episódio de três mulheres, por hipótese uma mãe e duas filhas, que na sua carruagem aberta se permitem uma expansão maior do que o habitual e recebem também, sem maldade, os olhares e palavras de quem passa:

*Será que estas senhoras dizem que nós não lhes somos nada? Oh, não; elas não dirão isso. Elas não podem negar – elas não negam – que por esta noite elas são nossas irmãs; simples ou de boas famílias, eruditas ou criadas iletradas, nas próximas doze horas, nós aqui no exterior temos a honra de ser seus irmãos. (21)*

Se bem que em 2004 a presença das mulheres já não justifique o mesmo ênfase, também nesta emissão prévia da final um dos repórteres sublinhou a presença de «muitas mulheres bonitas – onde é que elas andavam antes do Europeu?», assim se simbolizando a singularidade do evento também através da exteriorização da beleza feminina. Mais: é o evento que torna as mulheres mais bonitas (pois seguramente elas já andariam nas ruas antes do Euro), é o evento que eleva as pessoas normais a alturas imprevistas, e o mesmo exactamente escreveu de Quincey 155 antes:

*Essas pobres mulheres, de novo, que param para nos contemplar com admiração à entrada de Barnet, e parecem, com o seu ar de fadiga, de regresso do trabalho – dirás tu que são lavadeiras ou mulheres-a-dias? Não, meu pobre, amigo, estás muito enganado. Asseguro-te que elas estão numa categoria bem mais elevada; porque nesta noite única elas sentem-se por direito de nascimento como filhas de Inglaterra e não respondem a nenhum título mais humilde. (21)*

Este é um ponto fulcral para a compreensão da multidão nacional e, porventura, para a compreensão do próprio patriotismo: o conceito de nação, através do evento multitudinário patriótico, fornece aos indivíduos a possibilidade de se elevarem acima de si mesmos, como referia Durkheim a propósito das cerimónias religiosas (1912); as diferenças entre as pessoas, próprias da *Gesellschaft*, desaparecem nesta transformação do colectivo em *Gemeinschaft* (Tönnies, 1979); a pátria, neste sentido, devolve algo de positivo aos seus membros, não apenas vitórias militares ou desportivas, mas uma sensação de bem-estar individual conseguida na comunhão em multidão real ou participada à distância pela televisão. De Quincey, tal como os políticos do século XXI, parece compreender que



estes eventos multitudinários, estes momentos de festa colectiva em comunidade, são uma necessária compensação da vida em sociedade, com as suas injustiças, desigualdades, solidões, anomias.

De Quincey utiliza a forma invulgar da multidão – uma serpentina pelas ruas de Londres, dos arredores, imaginando-se infinita até ao lugar mais recôndito do país – de modo igualmente contínuo e para sublinhar a unidade da nação e a sua crescente força. O que é invulgar nesta acção colectiva é o facto de ela não se movimentar no espaço público, sendo antes o símbolo adorado que atravessa a multidão. Sucede o mesmo com outras multidões – caso da que se reúne em Fátima, vendo passar a imagem de Maria num andor – mas habitual é que a multidão se desloque no espaço público. Essa característica é um dos elementos que assemelha a cena do autocarro à da mala-posta: não é a multidão que se move, é o símbolo da nação (portanto, a própria nação) num «movimento glorioso» que acrescenta a superioridade do centro, do poder, sobre a própria multidão que o aclama. No caso do autocarro, a emissão chama a atenção para o «cordão humano», «espantoso», com «perto de nove quilómetros a ligar o fim da Ponte Vasco da Gama até ao Estádio da Luz». Não há quaisquer reticências no discurso televisivo acerca de a Selecção representar Portugal e a multidão nas ruas representar a nação: «é incrível como o país está mobilizado», diz um repórter.

### **As imagens do autocarro**

Uma das semelhanças entre *The English Mail-Coach* e a cena do autocarro mais interessantes é a dos recursos retóricos para engrandecimento da multidão e do evento. Seria expectável que os dois textos divergissem substancialmente neste ponto, sendo o primeiro um ensaio literário, não sujeito à comparação com a factualidade, e assentando o segundo numa factualidade indesmentível, um evento em directo. Convém, por isso, determo-nos nas imagens televisivas. Temos citado o discurso do apresentador, repórteres e comentadores (sendo irrelevante se foi improvisado ou preparado), mas o que mostravam as imagens?

Com um conjunto técnico de monta, a emissão mostrava diversos pontos com câmaras apeadas entre a Academia do Sporting e a Ponte Vasco da Gama; em simultâneo mostrava outros pontos de Lisboa, nomeadamente junto do Estádio da Luz, e também junto do hotel nos arredores da capital onde se encontrava a Selecção Nacional da Grécia, a qual, desenquadrada da multidão, permitia o contraponto com o espectáculo que rodeava a Selecção portuguesa; a emissão dispunha ainda de uma câmara móvel numa motorizada e outra num helicóptero. O percurso estava assim quase todo coberto, excepto na zona de Lisboa oriental onde o helicóptero da RTP e os outros sete que sobrevoaram o local com o mesmo objectivo não estavam autorizados a voar.

As imagens da emissão mostraram o «cordão humano» ao longo do percurso onde foi autorizado e o entusiasmo genuíno ainda antes de o autocarro sair da Academia e até se dirigir ao Estádio da Luz. Em alguns momentos, a presença, a alegria dos manifestantes, as cores e o movimento das pessoas, bandeiras, cachecóis e bandeirolas, bem como a singularidade dos apoios, que incluíram cavaleiros, um desfile de motards, os helicópteros, asas delta, kite surf, dois aviões acrobáticos, «muitos carros parados na Ponte» e barcos acompanhando o percurso no Tejo, esse conjunto forneceu imagens inéditas e de grande vivacidade, cor e som. A presentificação do evento através do directo e a realização movimentada – com câmaras em pontos fixos e câmara em movimento – acrescentaram a singularidade do evento: apesar de ter havido antes manifestações de acompanhamento do Autocarro, esta era a final e a data transformou-se na última possibilidade certa de comemorar a Selecção e de a própria multidão se comemorar a si mesma. A emissão foi longa, pois começou cerca de 3h15 minutos antes do início do jogo, mas a intensidade do momento e os referidos aspectos audiovisuais reduziram a noção de grande duração. A emissão teve três momentos de intensidade dramática mais acentuada:

- a saída do Autocarro dos portões para fora da Academia, simbolizando o momento em que a Selecção Nacional se «entrega» à multidão e vice-versa;
- numa rotunda na EN4, quando a multidão apertou o autocarro, abraçando-a simbolicamente como símbolo nacional; muita gente saltou, agitou bandeiras, um adepto ajoelhou-se à frente do autocarro com as mãos no chão trazendo nas costas as bandeiras de Portugal e do Brasil, significando a entrega da multidão em sacrifício pela nação (como sucede no episódio da «morte súbita» no ensaio de De Quincey); com o autocarro parado a dois metros do indivíduo na curva da rotunda, a GNR correu a retirá-lo, avançando nesse instante polícias de intervenção, correndo ao lado e à frente do autocarro no local em que o percurso era mais apertado; um ou outro manifestante correram também ao lado do autocarro; giraram cachecóis ou peças de roupa no ar;
- a travessia da Ponte Vasco da Gama, simbolizando a travessia do mar, uma passagem sem regresso a caminho da prova definitiva, simbolizando, com a presença de carros, barcos, aviões e helicópteros, um novo cúmulo da multidão: «o apoio é por água, por terra e pelo mar».

Estes três momentos exemplificam a emissão directa da multidão e seu centro de atenção como um «espectáculo estético» ou uma «experiência estética», à semelhança da multidão de De Quincey celebrando a mala-posta (Plotz, 2000: 121). A estetização ocorre ao mesmo tempo na facticidade do evento – a exuberância e a festa na rua – e na sua transmissão ou escrita, e de alguma forma substitui ou anula outras formas participativas (nomeadamente de debate) no espaço público. Esta estetização é uma forma de politização mais ou menos assumida (v. Esteve, 2003). Ao ser uma comunicação directa, presencial, simbolicamente unânime, homogénea e – por ser estética – definitiva, o evento de multidão adquire o estatuto de sublime que o exime do escrutínio racional concreto. Nesta sublimação, todos os elementos estéticos e narrativos são concordes quando se trata de um texto literário; já no caso da emissão em directo, o imprevisto pode proporcionar elementos de discórdia, quebrando a unanimidade necessária ao sublime. Por exemplo, quando o autocarro passa na Ponte Vasco da Gama e se torna possível uma aproximação do helicóptero, era necessário ao discurso da emissão que os jogadores da Selecção estivessem em plena comunhão de êxtase com a multidão, a nação unida entre os seus símbolos heróicos e a sua gente na rua. Apesar de apenas se terem visto um ou dois gestos de jogadores para o exterior confundíveis com acenos, a retórica precisava de realçar aquela simbiose, pelo que o apresentador hiperboliza esses acenos em «o adeus dos nossos craques para o país inteiro, para um mundo inteiro que os espreita». A imagem de um dos jogadores a comer um chupa-chupa no interior do autocarro (em vez de acenar à multidão, como o argumento do evento televisivo *exigia*), estragava o espectáculo estético e foi por isso considerado dissonante e logo ignorado pelo comentário. Apesar de festa, o evento de multidão nacional pressupunha um protocolo em que o chupa-chupa não encaixava.

Às imagens dos três referidos momentos correspondeu o discurso do apresentador, de repórteres na rua e comentadores no estúdio. Este discurso é, digamos assim, a retórica propriamente dita do evento, é a retórica que o evento «pede» para si, não porque as imagens a não possam fornecer, mas porque não são tão claras a fazê-lo nem têm a capacidade de abstracção da linguagem falada. Mais ainda: as imagens não conseguem fixar a interpretação preferencial que a retórica pretende atribuir-lhes.

No primeiro dos três episódios referidos, a saída de um veículo de transporte colectivo de um local de treino e repouso é transformada pelo apresentador da emissão na «grande viagem de Portugal até ao Estádio da Luz, acompanhada por milhares e milhares de portugueses espalhados pelas estradas entre Alcochete e a Luz». A passagem do portão é apresentada como o «momento em que (...) os jogadores vão ser vitoriados (...), o primeiro banho de multidão que esta Selecção vai sentir», «imagens fantásticas» de «uma multidão louca de gente» ali onde «começa a festa». Se as

palavras correspondem no geral à factualidade, podemos todavia indicar que estão marcadas pela hipérbole: a multidão foi sempre maior no discurso do que nas imagens como vimos atrás na referência às «centenas», depois «milhares» de pessoas, bandeiras e cachecóis. Por sinédoque, a multidão torna-se a nação; e o centro da nação no momento decisivo, o estádio, igualmente se multiplica: os manifestantes, «não podendo vir ao estádio» fizeram «da estrada um primeiro estádio». Esta multidão corresponde a toda a nação.

Em todo o percurso há uma «multidão de gente» esperando o autocarro. O repórter no helicóptero afirma: «esta é uma imagem impressionante, é esta a multidão, é esta toda a gente que de alma e coração está a apoiar a Selecção Nacional». Na realidade, a imagem mostrava uma rotunda com algumas centenas de pessoas, certamente menos de um milhar.

Depois do segundo momento referido, numa outra rotunda volta a multidão a abraçar o autocarro, o que permite «imagens arrepiantes» e a incapacidade dos locutores em descrevê-las: duas vezes se afirma ser «indescritível», outra vez que «esta imagem vale mais do que mil palavras», recursos retóricos muito próprios de um discurso audiovisual em que a valorização do significado se faz pela anulação do que as palavras poderiam dizer através da sua substituição pela retórica do indizível.

Sem imagens para o seu ensaio, De Quincey criava literariamente o mesmo objecto – a multidão nacional perante o seu símbolo em movimento. E a sua definição para este evento de multidão poderá servir-nos para o episódio do autocarro: «estes esplendores ópticos, juntamente com o entusiasmo prodigioso do povo, compunham um quadro ao mesmo tempo cénico e comovedor, teatral e sagrado.» (22)

### **O coração e a «força extra»**

Como ficou patente atrás, a emotividade é essencial nos eventos de multidão. Pode até dizer-se que o receio da exposição colectiva das emoções, ou a deriva que poderiam provocar, esteve na segunda metade do século XIX na origem do medo burguês da multidão, avessa como era a sensibilidade burguesa à exposição pública das emoções, nomeadamente as femininas. Mas, quer com De Quincey quer no Euro 2004 estamos perante multidões nacionais, consideradas positivas pelos seus narradores. As emoções são positivas, o coração está na boca: a palavra coração aparece mais de duas dezenas de vezes no ensaio de De Quincey e no relato improvisado do autocarro encontra-mo-la três vezes. Significativamente, nestes discursos, o «coração» junta-se ou substitui a racionalidade, a emoção é a forma de concretizar-se a relação política dos indivíduos com a nação. Recordemos De Quincey: «A mala-posta, o órgão nacional para a divulgação destes poderosos eventos assim difusamente influentes, tornou-se ela mesma um objecto espiritualizado e glorificado para um coração empolgado» (2). Recordemos ainda: «Um coração, um orgulho, uma glória ligam cada homem pelo laço transcendente do seu sangue nacional. Os espectadores (...), exprimem a sua adesão a estes fervorosos sentimentos» (19).

O tipo de retórica da narração do autocarro da Selecção é semelhante ao da mala-posta.

Numa citação já acima usada, diz-se: «é esta a multidão, é esta toda a gente que de alma e coração está a apoiar a Selecção Nacional». Tal como de Quincey cavalga nas palavras («um coração, um orgulho, uma glória»), também o narrador do Euro reproduz no seu discurso o movimento do autocarro e das batidas do coração para fazer sentido da emoção: «em cada face há uma bandeira, em cada coração um hino». Um comentador vai mais longe, fazendo uma significativa transfusão de emoções, de força afectiva (logo anímica) do coração da multidão para o coração da Selecção, sendo a multidão que alimenta, que faz a força dos jogadores, sendo a ela que em última análise se devem as vitórias no campo:

*há uma necessidade de [o jogador] retribuir este apoio, há uma força extra que se nota perfeitamente nos jogos, principalmente depois do jogo com a Espanha, aliás, mesmo no início do jogo com a Espanha notou-se claramente que havia uma força extra para os jogadores. Aliás eu disse quando ganhámos à Inglaterra, nos comentários finais, que não sabia onde os jogadores tinham ido buscar toda aquela alma, todo aquele coração. E aqui está talvez a resposta. Esta necessidade de pagar, de pagar entre aspas, de retribuir, melhor dizendo este apoio.*

A reflexão sobre a «força extra» é significativa por outra razão. Ela remete-nos directamente para a sociologia durkheimiana das *Formas Elementares da Vida Religiosa*, que sublinha o papel dos momentos rituais no engrandecimento da dimensão comunitária e social dos indivíduos e para o fornecimento dessa mesma «força» inexplicável, a reafirmação através da «efervescência colectiva» da presença do colectivo, da sociedade, em cada um dos que participam nas cerimónias rituais (Durkheim, 2002).

### **A tragédia pessoal e a oposição jornalismo-relação laudatória**

A narrativa da mala-posta inclui dois episódios que só na aparência parecem sem relação com a multidão nacional das vitórias. Num deles, a mala-posta provoca um acidente que poderá originar uma morte (o narrador desconhece, pois a mala-posta prosseguiu o seu caminho em grande velocidade). Já o comparámos acima com o momento em que um adepto se atira para a frente do autocarro. O outro episódio inscreve-se na narração do percurso vitorioso e é nele que nos concentraremos. Uma mulher de meia-idade aproxima-se do narrador empoleirado na mala-posta que difundia a notícia da vitória em Talavera de la Reina (07.1809). Um dos regimentos britânicos fora praticamente dizimado pela «perfídia» do general espanhol, daí que a vitória tivesse sido «imperfeita» excepto pelo heroísmo (22-3). O narrador, sabe, pelo jornal – o jornal, coisa de «público», que transporta tanto boas como más notícias – sabe o que se passou na batalha, mas decide não informar a mulher pois ela acaba de dizer-lhe que o filho combatia nesse regimento: «disse-lhe eu a verdade? Tive eu coragem para destroçar os seus sonhos? Não. Amanhã, disse para mim mesmo, amanhã, ou no dia seguinte divulgar-se-á o pior. Por uma noite mais, porque não poderia ela dormir em paz?» Porque não sonhar com vitórias? O narrador vai mais longe: esconde-lhe a verdade sobre o desfecho mas não sobre «a contribuição do regimento do seu filho para os trabalhos e a glória daquele dia» e em vez de lhe mostrar «os crepes funerários» sugeriu os «louros» vitoriosos e a coragem dos militares. Aquela mãe não temeu naquele instante pela segurança do filho apesar de ouvir o relato de quão encarniçada fora a batalha, o que é «estranho», antes viveu no sonho da façanha que «nas últimas doze horas» fora o «principal tópico de conversa em Londres». Assim, «tão absolutamente o medo fora engolido pela alegria» que, na sua «fervorosa natureza, a pobre mulher atirou os braços em redor do meu pescoço, enquanto pensava no seu filho, e deu-me o beijo que secretamente destinava para *ele*» (23-4).

Em resumo: a nação exige sacrifícios trágicos aos indivíduos; o processo de difusão de notícias para o público (o jornal) transmite as notícias trágicas, mas o processo de difusão para a multidão (a mala-posta) evita publicitar as tragédias pessoais, favorecendo a integração de todos na comoção nacional de alegria; o evento de multidão é o dia de sacralizar a nação, não cada indivíduo. De Quincey deixa transparecer muito claramente esta oposição entre a *mãe* dum soldado e a *mãe* Inglaterra:

*Eu disse-lhe [à mãe do soldado] que eles cavalgaram por entre a morte (dizendo para mim, não para ela) e entregaram as tuas vidas por Ti, Ó mãe Inglaterra!, derramando o seu nobre sangue animadamente e com mais vontade do que nunca, do que quando, em crianças, depois de um longo dia de brincadeira, descansavam as cabeças cansadas nos joelhos de sua mãe (24).*

Em consequência, o evento de multidão não é uma ocasião para o tipo de informação próprio do público – o jornalismo –, antes para uma relação laudatória – como o próprio ensaio de De Quincey, que de alguma forma se filia nas relações barrocas dos grandes eventos reais ou aristocráticos (Pereira, 2000; Torres, 2006a). Esta oposição – jornalismo/elogio – é uma tensão sempre presente nos *media events*, como referem Dayan e Katz (1996), em especial nos eventos multitudinários. É um fenómeno comunicacional especialmente identificável nos textos relativos a multidões nacionais, nomeadamente desportivas (Torres, 2006b). No episódio do autocarro, o jornalista apresentador e os restantes intervenientes (repórteres e comentadores) praticaram um discurso manifestamente patriótico; mas o apresentador só ao despedir-se da emissão, quando deu lugar aos narradores do jogo final, se referiu simbolicamente à questão, ao colocar ao pescoço um cachecol da Seleção Nacional, como fizera em ocasiões anteriores: «Faço o ritual do costume, isto das superstições cada um tem as suas, cá vai então o meu cachecol para o local para onde o jornalista se torna adepto, despeço-me». Isto é: o discurso da emissão tinha sido jornalismo legítimo, só ao deixar a condução da emissão o jornalista se permitia «nacionalizar-se»; ora, como vimos, o tom da emissão fora todo de fervor patriótico, mas estava «naturalmente» justificado pelo carácter da emissão.

Voltemos à tragédia pessoal da mãe do soldado de 1809. Neste domínio, a comparação com o evento desportivo de 2004 é decerto ténue, pois da guerra real passamos à guerra simbólica do futebol pelo processo civilizacional (Elias e Dunning, 1994). Na emissão do autocarro não existem indícios deste fenómeno. Para trás ficavam, porém, centenas de metáforas guerreiras (Torres, 2006b) e referências à necessidade de que todo o evento corresse sem incidentes (sem tragédias), de forma a manter-se intacto o ambiente de unanimidade festiva. Mas na emissão ocorre a ex-denominação (Barthes, 1997: 206) da derrota, a impossibilidade de *dizer* a derrota como hipótese de desenlace do jogo. Essa hipótese está implícita apenas como contrário do que é dito, a esperada vitória: «Esperemos que [a «grande emissão da noite de hoje»] seja da festa portuguesa, mas motivos de festa não faltam; independentemente do resultado, o Euro tem sido um grande sucesso português com afirmação internacional.» Trata-se transformar a eventual derrota não dita no seu contrário, uma vitória nacional, seja por via da afirmação internacional, seja por via das vitórias desportivas até ao momento, como referia uma adepta na mesma emissão: «Mesmo se não ganharmos fico feliz na mesma, Portugal chegou onde nunca chegou, viva Portugal!»

### **Afirmação nacional contra o Outro**

As festas nacionais da mala-posta e do autocarro festejam a nação em si, mas também contra um adversário. A afirmação nacional faz-se pela valorização do próprio mas também pela oposição binária contra o alheio: A «construção simbólica da comunidade» concretiza-se em grande medida na marcação das suas «fronteiras» (Cohen, 2004: 50). Nos dois textos em análise, os adversários são estranhos à comunidade nacional: os franceses no caso da mala-posta, os sucessivos adversários desportivos («a Grécia» no caso concreto). A presença física do adversário não se faz notar nos textos; as batalhas são fora do território britânico, e no caso do Euro, mesmo quando a reportagem se faz junto do hotel onde se encontrava a Seleção grega, se afirma «não há [adeptos] gregos por aqui», sendo ainda sublinhado o desequilíbrio no número de adeptos das duas seleções no Estádio da Luz, oito mil gregos contra «quarenta mil gargantas portuguesas» em «alegria indescritível». <sup>6</sup> São

---

<sup>6</sup> Sendo o futebol a transformação da guerra em jogo, a presença do adversário tornou-se banal se este aceitar as *nossas* regras de convívio e a *nossa* supremacia nas ruas, como sucedeu durante o Euro 2004.

dias de festa, dias de comunidade, quer dizer, dias de afirmação do *Nós* sem a incómoda presença do *Eles*.<sup>7</sup>

### **A multiplicação de malas-postas, de estádios, de multidões, de nações**

Vimos como ambos os textos estão imbuídos do conceito de crescimento infinito da multidão e, portanto, da nação que ela representa. Os textos recorrem a processos como o do uso repetido da ideia de «milhares» de pessoas (e, no caso de De Quincey, de «milhares» de qualquer coisa, dado que a palavra se repete no ensaio para criar a ideia de multiplicação e de magnitude dos substantivos instrumentos, vantagens, anos, milhas, homens, vezes; De Quincey também recorre às «centenas» de milhas, admiradores, segundos, homens, perigos, jardas).

A principal similitude dos textos vem do recurso a um meio de transporte como portador de símbolos nacionais, absorvendo o transporte essa característica. Assim, inclui-se na concepção infinita da multidão-nação a multiplicação do meio de transporte. No caso de De Quincey, tal faz parte da realidade por ele referida, dado que as mala-postas saíam do centro (a «infinita Londres») em todas as direcções da Grã-Bretanha, e dado que a cena se repetia a cada notícia de vitória durante a Guerra Peninsular. Como vimos antes, o «som de cada mala-posta individual», com os seus gritos de vitória, «inflama a cada instante novas sucessões de ardente alegria», provocando «um obscuro efeito de multiplicar a própria vitória ao multiplicar na imaginação até ao infinito os estádios da sua progressiva difusão.» (19) De Quincey nada deixa ao acaso: o próprio verbo multiplicar se multiplica. A imaginação multiplica a multidão visível até se tornar a concretização física da nação invisível.

No caso do autocarro, a multidão replica-se nas ruas e, através, da transmissão directa, replica-se a «quase todos os portugueses». Replica-se também no tempo, como a mala-posta, dado a sua repetição nos últimos jogos da Selecção Nacional. Assim, de alguma forma, o singular autocarro é plural na sua existência diacrónica. Tal não é, todavia, suficiente, para o discurso empolgado da cena multitudinária nacional. Quando a «viagem de Portugal» termina no Estádio da Luz e a emissão adquire esse novo centro simbólico, a multidão é também substituída na sua forma: de multidão em fila infinita na estrada, refere-se agora as multidões que se reúnem em diversas cidades de Portugal e do mundo para assistirem em conjunto ao jogo através de ecrãs gigantes. Essas pequenas multidões formam uma só com a multidão nacional no Estádio. Refere o apresentador: «há dezenas de praças da luz transformadas em mini Estádios da Luz». Nada de muito diferente, afinal, dos subúrbios e cidades que esperam a chegada da mala-posta com as notícias da vitória – a mala-posta em 1800 e a televisão em 2000 são os meios de difusão das notícias pelas cidades espalhadas pelo país. As emissões dos jogos da Selecção fizeram ligações directas a diversas cidades onde os «mini-estádios» replicavam o estádio no centro das atenções: Faro, Porto, Coimbra, etc. Nesta emissão, ligaram à Praça D. João I no Porto, com seu «mar de gente».

Tanta cidade, tanta multidão... de que dimensão é a nação? Na estação central de Londres, a

*cada momento são gritados ... os grandes nomes ancestrais de cidades conhecidas da história há mil anos - Lincoln, Winchester, Portsmouth, Gloucester, Oxford, Bristol, Manchester, York, Newcastle, Edinburgh, Glasgow, Perth, Stirling, Aberdeen – exprimindo a grandeza do império pela antiguidade das suas cidades e a grandeza da instituição postal pela irradiação difusiva das suas separadas missões. (19)*

<sup>7</sup> Diferente é a afirmação das multidões nacionais quando o adversário da comunidade é «interno», como sucedia nos Estados Unidos depois da Guerra Civil: o conceito de nação passava pela supremacia branca (no Norte) ou mesmo pela possibilidade de aniquilação (no Sul) do negro. Na Feira Mundial de Chicago (1893) a multidão nacional é exclusivamente branca e no Sul a multidão branca que lincha o negro é aceite como uma representação populista do poder de decisão da maioria (Esteve, 2003: 118-151).

O momento de multidão realça, pois, a «grandeza do império» e a grandeza de quem o une, a mala-posta. Em 2004, a terminar a emissão do autocarro e dos «mini-estádios da Luz», o apresentador diz o mesmo, numa sucessão de três frases desorganizadamente organizadas: «a RTP a juntar pedaços dum país, mas qual país pequeno?!, apetece dizer quando se vêem momentos como estes». E assim se realça num momento de multidão a grandeza do país e de quem o une, a televisão.

### A memória colectiva

Ao escrever sobre eventos decorridos mais de três décadas antes, de Quincey cria um registo de «memória colectiva» (Halbwachs, 2004) ou «memória social» (Frentress e Wicham, 1994). A multidão nacional que festeja ao passar a mala-posta enfeitada de vitória transforma-se em memória colectiva pelo próprio acto de De Quincey e da sua autodenominada, em 1834, «literatura de poder» (*apud* Plotz, 2000: 123). O autor não deixou, porém, de inscrever literariamente a multidão da mala-posta na história, fazendo do efémero eterno e memória colectiva. Na parte final do ensaio, num dos seus «sonhos» (não se sabendo ao certo se determinados pelas visões do seu «frágil self despedaçado pelo ópio», 35), De Quincey «imagina a notícia sendo levada a uma necrópole nacional gigante, ao longo de uma avenida alinhada com sarcófagos dos mortos gloriosos da causa nacional» (Plotz, 2000: 116): «uma vasta necrópole ... uma cidade de sepulcros, construída dentro da santa catedral dos guerreiros mortos que descansavam dos seus trabalhos na terra» (44). A notícia é, assim, partilhada pela «multidão dupla» dos vivos e dos mortos (Canetti, 1995: 65), a «voz da alegria perfeita» «mistura-se com os festivais da Morte» (46). A «aurora» nasce neste cemitério, neste «Campo Santo de Waterloo» (46). Ora, os mortos são a história: entregar-lhes a notícia da vitória de Waterloo é colocar a notícia na história. E assim, quando o autor entrega aos mortos de Waterloo a notícia da multidão de Waterloo resolve-se a contradição entre a multidão dos mortos e a do vivos, surgem «as visões de paz» (46). A notícia da multidão, isto é o pleno exercício da multidão representada, é o acto presente que, no futuro, será parte do passado da nação justificando e engrandecendo as tragédias pessoais então vividas.

O episódio do autocarro, como muitos outros eventos multitudinários, é na emissão televisiva autoconsciente do seu valor como memória colectiva futura. «Estamos com imagens de momentos que quase todos os portugueses têm guardado na memória, de cada viagem da Selecção», diz o apresentador das multidões na rua com o autocarro (excluindo com o «quase» uns supostos maus patriotas que esquecem); à porta do estádio, um repórter fala das imagens da multidão que ficarão na memória. Tal como De Quincey, o apresentador estabelece a memória colectiva chamando a este momento de alegria uma situação multitudinária evocando a tragédia – pois a nação, para valer a pena, não pode fazer-se sem tragédia, sem sofrimento:

*São de facto, centenas, milhares que se acumulam na estrada, é algo que nós nunca mais vamos esquecer seguramente; Portugal viveu poucos momentos parecidos com este, houve a fase em que todos tivemos solidários com Timor, mas aí era numa outra toada, mais triste, mais de solidariedade, e de lamento muitas vezes, aqui não, aqui é o lado efusivo, o lado expansivo dos portugueses.*

Ao terminar a emissão do autocarro, momentos antes de começar a emissão do jogo, já a multidão do autocarro está transformada em multidão nacional e em memória da nação: uma promoção da RTP1, em jeito de videoclip, mostra sucessivamente uma multidão do autocarro, uma multidão de adeptos em estádio, a frase de um adepto «eu acredito», os jogadores, uma defesa do guarda-redes português Ricardo. A banda sonora é formada pelo gritos de golos da Selecção

Nacional nos relatos de jogos, pelo som de multidão e por uma canção que termina a dizer «o amor a Portugal».

### Conclusão

Dois textos, um televisivo, outro ensaístico, um de 1849, outro de 2004, um britânico, outro português, um sobre vitórias militares, outro sobre vitórias desportivas, apresentam semelhanças ideológicas e discursivas inegáveis. Ambos dizem respeito à mesma realidade: o nacionalismo, em ambos expresso por multidões festivas organizadas ao longo das estradas para saudar um símbolo nacional em movimento. A multidão nacional exprime-se de forma idêntica apesar da passagem de 155 anos e os autores de ambos os textos são levados a recorrer às mesmas ferramentas retóricas, às mesmas imagens (literárias, icónicas) e até às mesmas palavras para a descrever e glorificar. A representação da multidão nacional em festa patriótica tende a assemelhar-se, o que fornece um sinal da perenidade do nacionalismo, da sua expressão social multitudinária e das suas representações discursivas.

### Bibliografia

- Anderson, Benedict (1991), *Imagined Communities. Reflections on the Origins and Spread of Nationalism* [1983], Londres: Verso
- Barthes, Roland (1997), *Mitologias* [1957], Lisboa: Edições 70
- Canetti, Elias (1995), *Massa e Poder* [1960], São Paulo: Companhia das Letras
- Cohen, Anthony P. (2004), *The Symbolic Construction of Community* [1985], Londres: Routledge
- Cunha, Celso (1984), Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Ed. João Sá da Costa
- Dayan, Daniel (1996), e Elihu Katz, *La télévision cérémonielle* [1992], Paris : PUF
- De Quincey, Thomas (1917), *The English Mail-Coach and Other Essays* [1849], Londres: J.M. Dent & Sons Ltd.
- Durkheim, Émile, (2002), *As Formas Elementares da Vida Religiosa* [1912], Oeiras: Celta
- Elias, Norbert (1994), e Eric Dunning, *Sport et Civilisation. La Violence Maîtrisée* [1986], Paris: Fayard
- Esteve, Mary (2007), *The Aesthetics and Politics of the Crowd in American Literature* [2003], Nova York: Cambridge University Press
- Fentress, James (1994), e Chris Wicham, *Memória Social. Novas Perspectivas sobre o Passado* [1992], Lisboa: Teorema
- Habermas, Jürgen (1999), *Historia y Crítica de la Opinión Pública* [1962, 1990], Barcelona: Gustavo Gili
- Halbwachs, Maurice (2004), *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* [1925], Paris: Albin Michel
- Pereira, João Castel-Branco coord. (2000), *Arte Efémera em Portugal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Plotz, John (2000) *The Crowd. British Literature and Public Politics*, Berkeley: University of California Press
- Shils, Edward (1992), *Centro e Periferia* [1974], Lisboa: Difel
- Tönnies, Ferdinand (1979), *Comunidad y Asociación* [1935, 8ª ed.], Barcelona: Ediciones 62



- Torres, Eduardo Cintra (2006a), «Revalidar a Teoria dos Media Events», in Gustavo Cardoso e Rita Espanha, *Comunicação e Jornalismo na Era da Informação*, Porto: Campo das Letras, pp. 97-113
- Torres, Eduardo Cintra (2006b), «O Telepatriotismo durante o Euro 2004», in Felisbela Lopes e Sara Pereira (coord.), *A TV do Futebol*, Porto: Campo das Letras, pp. 111-120